

Saúde Actual

REVISTA DE SAÚDE HOLÍSTICA, BELEZA E ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL

www.saudeactual.com | Diretor Luís Freitas
3,50€ (continente) | IVA incluído

DESFRITE DA
**SAÚDE
SOLAR**

VERÃO
INTESTINO,
IMUNIDADE
E PELE

**TESOUROS
DO MAR**
AS ALGAS
DA COSTA
PORTUGUESA

**MEDICINA
AYURVEDA
E DESPORTO**

COMO EVITAR
**MANCHAS
DA IDADE
E BORBULHAS**

VIAGENS:
NA ROTA
DA PAIXÃO DE
CALATRAVA

GAVIÃO
UM ALENTEJO
DIFERENTE





Da Eco Laguna, no centro da vila, até à Nature Village, passando pelo castelo de Belver e o Centro de Observação de Avifauna ou a praia fluvial do Alamal, este concelho revela a cada instante a sua maior riqueza - a natureza.

GAVIÃO

É MESMO UM ALENTEJO DIFERENTE

Por Sousa Ribeiro

Como que atraídos por um íman, os meus olhos resvalaram para aquele cartaz que, talvez desbotado pela inclemência do sol, me obrigou a aproximar-me para, com uma serenidade de estátua, conseguir ler o que nele estava escrito.

Algures, pelo meio das folhas das árvores atormentadas pelo vento e onde o sol vai tremulando, escuto o lamento sereno de um pássaro.

GAVIÃO, UM ALENTEJO DIFERENTE

Olho à minha volta e recuo dois passos, como alguém que desconfia do *slogan* desta vila, a esta hora tão silenciosa, do Alentejo. Há homens sentados numa esplanada, à sombra, numa indolência que ameaça perpetuar-se enquanto a tarde se vai tornando cada vez mais preguiçosa. Decido errar ao acaso, entrando por uma rua que se estende até perder de vista mas detenho-me mais ou menos a meio, no preciso momento em que a minha atenção é colonizada pelas linhas harmoniosas de um edifício. É, descubro logo de seguida, a antiga casa de João Ascensão, um ambicioso complexo que acolhe a Casa das Artes, o museu da música que integra o espólio do maestro Sílvio Pleno, outras duas salas com exposições permanentes e o novo posto de turismo, com uma apelativa loja que promove alguns dos produtos tradicionais deste município do distrito de Portalegre.

Subo ao primeiro andar e, perante o cenário que me é dado à contemplação, um sentimento de remorso começa a apoderar-se de todo o meu ser perante o julgamento inicial que fizera de Gavião, provavelmente acompanhado de um sorriso carregado de malícia no instante em que lia:

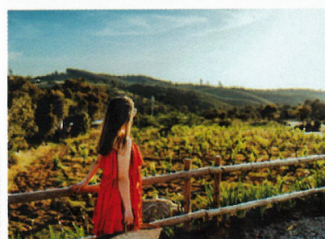
Gavião, um Alentejo diferente.

A cor da água que tenho à minha frente remete-me, de imediato, para outros cenários. O que vejo, sem estar a sonhar, é a Eco Laguna, uma piscina descoberta inaugurada em junho de 2023 e, como venho a saber mais tarde, conversando aqui e acolá, com este e com aquele, a nova atração desta vila que faz fronteira com a Beira Baixa e com o Ribatejo e pela qual começo a nutrir um certo afeto.

Aberta entre meados de junho e de setembro, período que corresponde à época balnear, a Eco Laguna atrai, a cada ano que passa, cada vez mais turistas (12 mil no ano passado), seduzidos pela tranquilidade que se respira, ideal para ir passando os dedos pelas páginas de um livro, mas também para deixar correr o tempo na cascata, para relaxar na hidromassagem com jacuzzi ou simplesmente para repousar à sombra de uma árvore depois de um mergulho na piscina com um fundo de areia compactada.

Regresso às pedras gastas da rua com uma sensação de quietude inigualável e subo ligeiramente, grato pelo cheiro a pão que sai de uma pequena padaria e se insinua por entre aromas de flores; viro à direita e, um minuto mais tarde, estou sentado num banco de madeira no largo do Município, no coração do núcleo histórico de Gavião. É neste espaço agradável, onde as árvores são uma bênção nos dias em que o sol lança os seus raios sem piedade, que os meus olhos se cruzam com algumas das mais elegantes construções da vila, como a igreja Matriz, o coreto, a sede da edilidade local ou o bonito solar Patricio Lino Netto, cujo proprietário é descendente dos Ayres de Seixas, a família mais próspera de Gavião.

Em tempos de antanho um ponto de encontro da população, numa época em que era conhecido por Rossio e palco de feiras e mercados, o largo não é, ainda assim, o mais antigo de Gavião – esse estatuto é reclamado pelo largo do Pelourinho, onde, reza a lenda, foi testemunhada a fundação desta vila (foral desde 1519) instituída durante o reinado de D. Manuel I.



A RIQUEZA DA PAISAGEM

Concelho essencialmente agrícola, sem qualquer sinal de poluição, Gavião tem na natureza aquela que será, talvez, a sua maior atração. Menos de um quilómetro após abandonar o centro, a riqueza paisagística revela-se em todo o seu esplendor e transmite uma sensação de calma que se vai propagando e não se desmorona, pelo contrário, exacerba-se à medida que se vão descobrindo os seus recantos, os seus segredos.

A estrada desce na direção do Tejo mas, antes ainda de escutar o murmúrio do rio, faço um ligeiro desvio para conhecer, na sua intimidade, um espaço que vive em perfeita comunhão com o cenário envolvente – Gavião Nature Village.

Adoptando o lema “uma conexão única com a natureza”, oferece alojamento numa dezena de abrigos de cortiça (de sobreiro português e com nomes de aves da região) erguidos “com recursos endógenos”, em 13 tendas *glamping* (com nomes de flores) cujo equipamento e decoração fazem com que o visitante se sinta num quarto de hotel e, também, uma zona de acampamento tradicional – as *bell tents*.

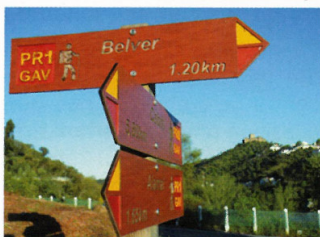
O exterior, com panorâmicas magníficas, vai revelando, aqui e ali, uma figueira, vinhas velhas, um parque infantil e um de merendas, bem como uma área onde os animais, cabras, galinhas e uma porquinha, se sentem em liberdade, ao lado de uma horta biológica.

Contando também com um restaurante que aposta na gastronomia típica da região (Gavião organiza uma importante mostra no terceiro fim de semana de julho que abrange também o artesanato e as atividades económicas), “com um toque moderno que exalta o que de melhor se produz nas redondezas”, o Nature Village Gavião projeta-se igualmente como um pequeno paraíso para todos aqueles – e são muitos ao longo de todo o ano – que procuram viver uma experiência “relaxante e tonificante” com hidromassagem, sauna ou banho turco.

A lista de massagens proporcionadas é extensa (relaxamento, ayurvédica, profunda, com velas, revigorante, drenagem linfática e, entre outras, reflexologia podal), um serviço que se estende às terapias holísticas, como, para citar apenas um exemplo, aquela que é feita ao som de taças tibetanas, “uma prática ancestral de regeneração” que potencia “um profundo relaxamento cerebral” e o “bem-estar físico”, assim como o “equilíbrio mental e emocional”.

O dia está prestes a extinguir-se. Sob o sol poente, as águas da piscina adquirem tonalidades douradas. Ao fundo, aquela laranja gigante prepara-se para dar o último suspiro antes de ser substituída pela lua.

O momento tem qualquer coisa de mágico.



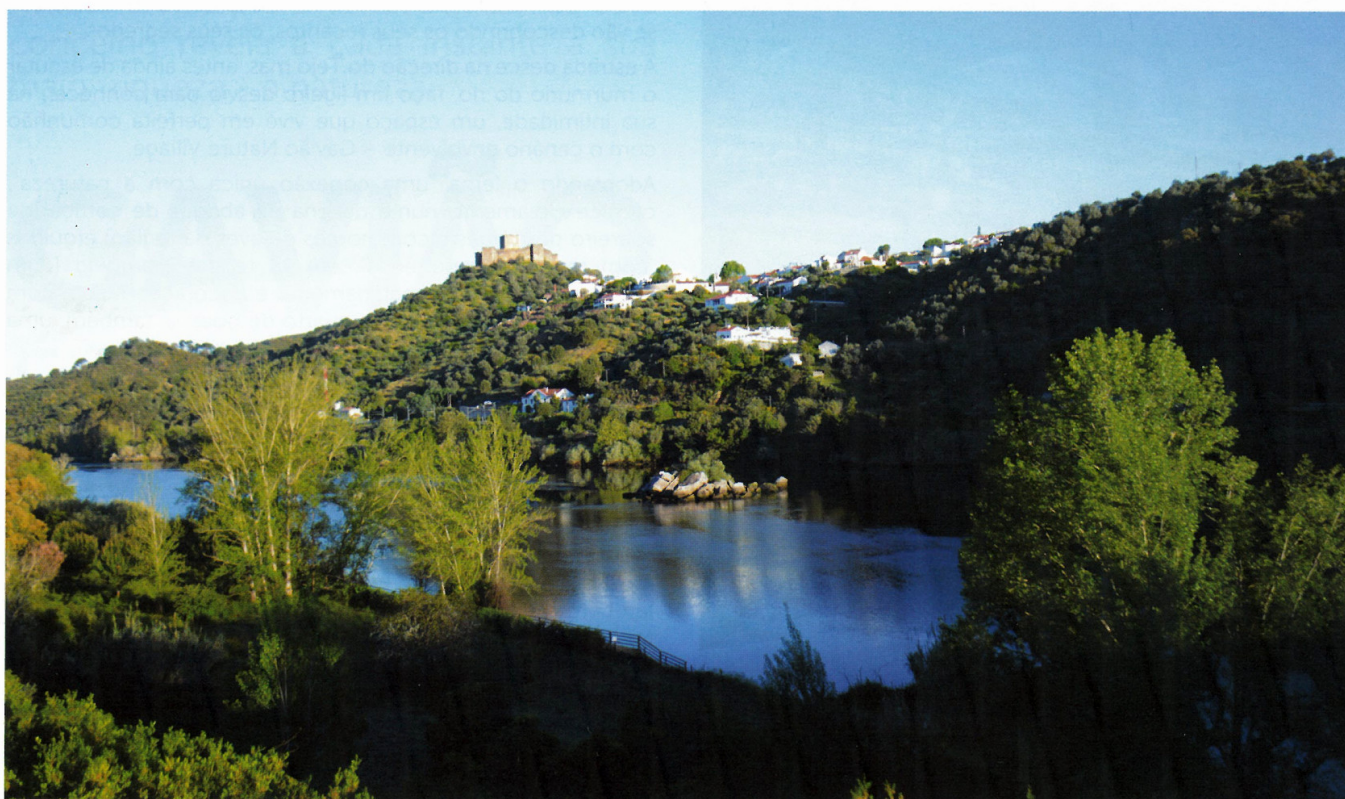
O NINHO DOS GRIFOS

Para os pássaros não parece fazer grande diferença – chilreiam durante o dia e escuto-os quando Gavião ainda está imerso nas trevas. Acordo bem cedo, ainda órfão dos primeiros alvares do dia, atravesso o Tejo e venço a estrada íngreme, como uma serpente de asfalto ziguezagueando encosta acima, passo Belver, entregue a um sono profundo, e rumo a Outeiro (há um Fundeiro e outro Cimeiro).

Um trilho, à direita, sempre bem sinalizado e por onde circula sem dificuldade uma viatura normal, leva-me ao Sítio da Pedra da Moura Encantada e, agora a pé, chego a uma estrutura em madeira no momento em que a abóbada do mundo se enche de cores que são o prenúncio de um novo dia. Em poucos minutos, o sol desponta, é mais um instante cheio de magia; ao fundo, no vale silente, o Tejo corre pelo meio das imponentes formações rochosas.



Direitos Reservados



Estéril de companhia, à exceção de um pássaro ou outro que risca o céu, sento-me nessa espécie de janela sobre o rio que serve de Centro de Observação de Avifauna e depósito os olhos nas fragas, território privilegiado das aves de rapina para nidificar, entre elas as cada vez mais ameaçadas cegonha-preta e águia-perdigueira. E por ali fico, os olhos sorvendo aquela imponência, vendo o sol subir, um comboio quebrando o silêncio, o Tejo estilhaçando-se em mil vidros, à espera que um grifo (o local acolhe a maior colónia do país) se recorte naquele quadro tão inspirador.

Belver, despertando lentamente, cruza-se de novo no meu caminho. É ainda cedo para visitar o museu do sabão, mas não para admirar as esculturas do caminho da Fonte Velha ou para subir ao castelo onde, acreditando em algumas versões populares, o poeta Luís Vaz de Camões esteve encarcerado no ano de 1553. É provável que D. Sancho I tenha pisado, há mais de 800 anos, o solo que eu agora piso e que tenha mesmo experimentado a visão que se me depara a meio desta manhã. Belver, assim mandou o monarca designar esta fortaleza concluída em 1212, um ano após a sua morte – uma lenda faz referência a uma princesa que, assomando à janela da torre de menagem, terá exclamado: “ó, meu pai, que belo ver!”.

Daqui, do cume deste monte granítico, os olhos andam de um lado para o outro, incapazes de se fixarem num ponto, como um turista que, dentro de um museu, não consegue concentrar-se numa única obra de arte, tamanha é a beleza e a diversidade.

Belver – terá decidido o rei. Mas seria ele um ser sensível à beleza ou será que a toponímia deriva da localização estratégica onde o castelo, monumento nacional desde 1910, foi levantado para avistar o eventual avanço das tropas inimigas até à linha do rio Tejo?

PRAIA FLUVIAL

Deixo o castelo, com a sua torre de menagem e a pequena capela que invoca São Brás, para trás e percorro o trajeto no sentido inverso, até ao rio, cruzo a ponte de Belver, construída na primeira década do século passado, volto a subir e, logo depois, a descer, ao encontro do baloiço que me devolve a silhueta daquele que é um dos mais belos exemplares da arquitetura medieval portuguesa.

A tarde avança quando desago na margem esquerda do Tejo para me sentar numa esplanada. Corpos já bronzeados estendem-se nas areias da praia do Alamal, à minha direita está um barco pintado de azul e construído unicamente com chapas de ferro.

Vida Boa – assim foi batizado e todos aqueles turistas, portugueses e estrangeiros, deitados ao sol ou mergulhando nas águas serenas, certamente que se revêm nessa designação pensada por António Costa, um antigo pescador que faleceu há sete anos e ofereceu a embarcação à praia fluvial do Alamal.

Depois de lançar um olhar à fonte do lagarto, ignorada pela maior parte dos visitantes e acessível a partir de umas escadas junto a um hotel, caminho ainda mais para a direita, ao longo do passadiço que acompanha o Tejo até à ponte que une as duas margens. Na da direita, um comboio desliza pelos carris, na sua pressa de chegar ao destino, a Castelo Branco; regresso à praia e por ali permaneço, até que o sol comece a dourar as areias onde os patos selvagens que ali nidificam se vão aventurando e o castelo de Belver que, agora, antes que se anuncie o crepúsculo, se reflete, como num espelho, nas águas do Tejo.

Por instantes, recordo Vale de Gaviões, a pouco mais de dez quilómetros da sede do concelho, o lugar que Mouzinho da Silveira escolheu para sua última morada (como alternativa à ilha do Corvo, nos Açores), conforme escreveu em testamento.

“São gentes agradecidas e boas, e gosto agora da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida”, admitiu aquele que foi um dos grandes protagonistas da revolução liberal.

Também eu, quando vivo, me sinto grato. Grato por ter conhecido Gavião, um Alentejo diferente. |

